



Tribuna



ZAP DO SINDICATO
11 97407-3791

Metalúrgica



Nº 4619 • QUINTA-FEIRA • 23 DE JULHO DE 2020 • SMABC.ORG.BR

FOTO: ROBERTO PARZOTTI

GREVE DOS GOLAS VERMELHAS COMPLETA 30 ANOS

PÁGINA 3





NOTAS E RECADOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Sem investimento em saúde

O Ministério da Saúde gastou apenas 29% da verba emergencial prevista para combater o coronavírus a partir de março, aponta auditoria do TCU.



Vítima da covid

O cacique Domingos Venite, 68 anos, líder da maior tribo indígena do RJ, guarani Sapukai, em Angra dos Reis, morreu infectado com o coronavírus.



Haddad absolvido

Fernando Haddad (PT) foi absolvido em ação sobre improbidade administrativa. Segundo o desembargador, "Tais pagamentos não ocorreram com recursos desviados".

EM VOTAÇÃO 'HISTÓRICA', CÂMARA APROVA FUNDEB PERMANENTE E CONSTITUCIONAL

Em votação histórica, a Câmara dos Deputados aprovou, na noite de terça-feira, 21, por 499 votos a 7, o novo Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), a PEC 15. Os líderes do governo e do Centrão obstruíram a sessão, que foi suspensa e retomada no início da noite.

O texto prevê que a participação da União começa com 12%, para aumentar gradativamente até atingir o total de 23% em 2026. Apresentado antes da pandemia de coronavírus e apoiado pela oposição, o relatório da deputada Professora Dorinha Seabra (DEM-TO) torna o fundo permanente e o constitucionaliza.

TODOS PELA EDUCAÇÃO

O movimento Todos Pela Educação comemorou o resultado da votação na Câmara. "Dia muito importante para a educação. A grande inovação e avanço do novo Fundeb é a maior eficiência alocativa dos recursos, direcionando mais para os alunos mais pobres, defesa central do Todos Pela Educação. Graças a isso, o valor mínimo investido por aluno por ano sobe, ano a ano, até 2026, dos atuais R\$3.700 para R\$5.700. Essa mudança concreta já começa no ano que vem".

Com informações da RBA

SAÚDE

AO SE CUIDAR VOCÊ CUIDA DOS OUTROS

COMENTE ESTE ARTIGO. ENVIE UM E-MAIL PARA DSTMA@SMABC.ORG.BR DEPARTAMENTO DE SAÚDE DO TRABALHADOR E MEIO AMBIENTE



Militares condenados

A Justiça Militar condenou 19 militares por fraudes em licitações que envolveram festa em motel. Empresário contratou prostitutas para dois capitães.

Os números sobre a pandemia não permitem que afrouxemos as ações de proteção em relação à doença (confira os dados acima).

O quadro se complica em função da variabilidade apresentada pelo vírus. Uma pesquisa realizada pelos cientistas do King's College, em Londres, identificou 6 "tipos" de covid-19, cada um deles responsável por um determinado conjunto específico de sintomas.

Segundo o estudo, a gravidade da doença e a necessidade de auxílio respiratório em caso de hospitalização variam conforme o tipo de vírus.

Diante desse quadro, devemos insistir no bom senso e na necessidade de reforçar as medidas de proteção. A principal é continuar lavando as mãos com água e sabão e não se aglomerar. O uso de máscaras também é importante.

As máscaras têm o objetivo

de proteger a mucosa (tecido mole dos olhos, nariz e boca) da chegada de gotículas contaminadas e também impedir a saída de gotículas do paciente doente para infectar outra pessoa ou o ambiente, quando da fala, tosse ou espirro, por exemplo.

Mas quais são as máscaras mais adequadas?

As conhecidas por N95 filtra pelo menos 95% das partículas transportadas pelo ar e são

destinadas aos profissionais de saúde e podem ou deveriam, também, ser utilizadas por todos nós.

A máscara caseira, precisa ter pelo menos duas camadas de pano. Deve ser usada individualmente, não pode ser dividida com ninguém. Pode ser feita em tecido de algodão, tricolina, TNT ou outros tecidos. Pode ser reutilizada, desde que higienizadas corretamente.



“Trabalhadores na Ford deixam um símbolo de luta aguerrida”

Greve dos Golas Vermelhas completa 30 anos com legado de luta e unidade dos metalúrgicos do ABC

De início, passeatas, mobilizações e greve de Campanha Salarial em toda a categoria. Veio a intransigência por parte da Ford, a demissão de 100 golos vermelhas e a suspensão do adiantamento salarial de todos os 7.400 trabalhadores. Em seguida, a radicalização do movimento por parte dos trabalhadores na montadora. Teve fábrica cercada pela Tropa de Choque da Polícia Militar. Teve solidariedade e unidade de toda a categoria. Teve a conquista do respeito e da negociação. E a greve deixa um legado de luta para a classe trabalhadora.

Ao completar 30 anos de uma das mais representativas greves da história dos Metalúrgicos do ABC, a Tribuna conversou com dois dirigentes, Tsukassa Isawa, líder do movimento na época, e Alexandre Colombo, que foi CSE na Ford e diretor executivo do Sindicato até o mandato que se encerrou no fim de semana.

A Greve dos Golas Vermelhas, nome em referência ao uniforme usado pela manutenção e ferramentaria na Ford, durou 50 dias, entre junho e julho de 1990. A estratégia de Campanha Salarial na Ford foi parar os 900 golos vermelhas.

Mesmo com o acordo de Campanha Salarial aprovado pela categoria em 29 de junho, na Ford ainda tinha a pendência dos 100 demitidos, entre eles o ex-presidente do Sindicato, Rafael Marques.

Isawa lembrou que o primeiro ‘quebra’ foi no dia 20 de julho, uma sexta-feira à noite, quando a Ford suspendeu o pagamento do adiantamento salarial. A

reação dos trabalhadores foi deprestar e incendiar veículos na fábrica.

“Até então, a greve era dos golos vermelhas. O ‘quebra’ foi espontâneo, pegou a gente de surpresa, estava no bar da Rosa (na esquina do Sindicato) quando veio a notícia de que a Ford estava pegando fogo. Foram os golos azuis (produção), que não estavam em greve, que reagiram quando a fábrica deixou de fazer o pagamento”, contou.

Os dias foram de tensão e negociação até 30 de julho, quando o acordo de reajuste foi aprovado, com readmissão de 80 companheiros. Vinte trabalhadores saíram por um programa de demissão voluntário. João Ferreira Passos, o Bagaço, e José Arcanjo de Araújo, o Zé Preto, que integravam a Comissão de Fábrica, pagaram o preço pela greve e foram afastados, mas com manutenção dos pagamentos.

“Uma das coisas que essa greve mudou foi o fim da arma usada pela empresa de demitir e intimidar trabalhadores. Aconteceu o contrário do que ela queria, a greve resistiu e foi uma das mais longas em uma empresa privada no Brasil exatamente por conta das demissões. Quando terminou a greve, ficou um orgulho muito forte dentro da fábrica, da peãozada ter resistido, participado e visto tudo o que tinha acontecido”, afirmou Isawa.

“Tem conceitos que permanecem. Se você quer algo, tem que ir pra cima e lutar. Tem que contestar o poder da empresa e do governo. Historicamente, quem faz os grandes movimentos é a ju-

ventude. Foi assim na greve de 1990, era a molecada que euforicamente carregava o movimento, com alegria e vontade de fazer a diferença. Os trabalhadores na Ford deixam um símbolo de fábrica aguerrida e com muito compromisso de luta”, ressaltou.

SOLIDARIEDADE E LUTA

Colombo, que tinha 26 anos na época, destacou que a solidariedade foi uma das marcas durante todo o movimento. “Enquanto estávamos em greve, sem receber, o pessoal da produção contribuía com o valor de 10h do seu trabalho para pagar o salário de quem estava na luta. Entendiam que a greve era para que toda a categoria recebesse aumento salarial. A categoria também foi solidária, com arrecadação em diversas fábricas”, lembrou.

“Foi uma greve marcante, a Ford radicalizou nas negociações e os trabalhadores radicalizaram no movimento. A unidade, o companheirismo de todos, o mesmo ideal de luta, foram pontos marcantes. Também teve muita dedicação, eram seis, sete assembleias em um dia, em um movimento muito forte”, recordou.

“Dali pra frente, a fábrica começou a encarar a força e a unidade dos trabalhadores de outra forma, houve uma quebra de paradigma e foi criada outra relação capital e trabalho, com mais respeito na negociação que o Sindicato sempre buscou”, disse.

Saiba mais do projeto de memória da Greve dos Golas Vermelhas, com detalhes da luta, depoimentos e imagens, no site golasvermelhas.com.

FOTOS: ROBERTO PARIZOTTI





ADONIS GUERRA

“TRABALHADORES PRECISAM TOMAR AS RÉDEAS DA DISCUSSÃO DO FUTURO DA INDÚSTRIA”

Para debater a indústria do futuro, os impactos na vida dos trabalhadores e a organização sindical, o diretor executivo do Sindicato, Aroaldo Oliveira da Silva, participou do programa ‘Conexão Caipirinha’, do Canal Pé de Limão, na segunda-feira, dia 20, com apresentação de Rafael Monico.

A íntegra está disponível nas redes do Canal Pé de Limão e da TVT. O programa ‘Conexão Caipirinha’ é veiculado todas as segundas, às 20h.

Confira os principais pontos da participação de Aroaldo:

AUSÊNCIA DO GOVERNO

“Com a ausência de política econômica e de política industrial para dar suporte às empresas e manter os empregos, o que tem acontecido no Brasil é o fechamento de empresas. Temos debatido alternativas, mas desde o golpe na presidenta Dilma, o que estão fazendo é o desmonte do Estado brasileiro. A pandemia escancara esses prejuízos a toda a população.

As linhas do BNDES, que é o banco fomentador da indústria, e as linhas de crédito anunciadas pelo governo não estão chegando nas empresas neste momento de

pandemia. Os trabalhadores precisam tomar as rédeas dessa discussão do futuro da indústria.”

INDÚSTRIA 4.0

“O debate da Indústria 4.0 está na pauta do Sindicato. O Brasil tem 210 milhões de habitantes e precisa ter uma indústria forte para gerar riqueza e fazer girar a roda da economia. Só o setor de serviços não seguraria um país deste tamanho, até porque não temos um Vale do Silício aqui. O país pode cair na miséria absoluta se não conseguir se inserir no debate da Indústria 4.0.

Ainda mais que o Brasil teve uma industrialização tardia, depois da crise de 1929, quando as empresas do mundo já desenhavam entrar na 3ª Revolução Industrial. E o país está sofrendo uma desindustrialização precoce desde a década de 80. Ao mesmo tempo em que algumas empresas se adaptam a elementos da Indústria 4.0, tem empresas que estão no que a gente chama de ‘Indústria 0.4’, há uma defasagem tecnológica enorme.

Nos Estados Unidos, tem um gabinete para discutir 4.0 dentro da Casa Branca. A Indústria 4.0 tem que

ser estratégica para o país, o governo tem que pegar para si e aqui não vemos nada disso. O investimento em inovação, que é o ponto chave, é mínimo.

Se não entrar no debate, o país vai ficar apenas com a produção de elementos básicos que os países desenvolvidos não querem. Por exemplo, a produção de carne brasileira, que não gera valor agregado para o povo, não gera empregos nem renda de qualidade.”

FUTURO NO PÓS-PANDEMIA

“Temos muita preocupação, não tem horizonte com esse governo federal de buscar alternativas de futuro, novas tecnologias, nova indústria e discutir quais são os novos setores que surgem com a tecnologia.

É preciso entrar no tema do veículo elétrico agora ou o Brasil ficará de fora da produção mundial. Mas o Estado brasileiro aposta no agronegócio, que é um setor importante, mas que concentra riqueza, gera poucos empregos e gera tecnologia apenas para produtos primários.”

DESAFIOS

“Um dos maiores desafios do movimento sin-

dical, além de pensar o futuro da indústria, é o futuro da organização sindical, como dialogar com a juventude e dar conta das demandas dos trabalhadores que estão surgindo nos novos setores econômicos, como motoristas e entregadores por aplicativos.

Por exemplo, no Sindicato, a organização se dá a partir do local de trabalho. Tivemos a posse da nova diretoria no fim de semana, são 193 CSEs em 55 fábricas da base. Conseguimos aqui ouvir o trabalhador no pé da máquina. Mas sabemos que essa não é a realidade do Brasil.

Por isso, é uma tarefa enorme do movimento sindical se comunicar com os novos trabalhadores e pensar no próximo passo da organização da classe trabalhadora. E sempre deixando claro que a nossa luta principal é contra a precarização, é em defesa de melhorias nas condições de trabalho e dos salários.

A nossa certeza é que a luta e a organização dos trabalhadores precisam continuar. Esse governo não escondeu que o trabalhador tem que escolher entre ter direitos ou ter emprego. A classe trabalhadora tem que estar à frente desse debate.”

